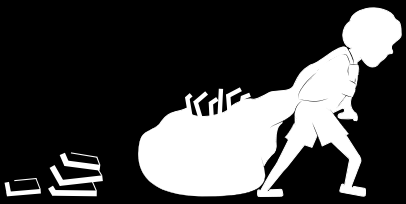

Depois de um longo e duro cerco a Troia, parece impossível penetrar as robustas muralhas que protegem a cidade. Ulisses é um dos valorosos gregos que lutam, há nove anos, para recuperar a bela Helena do cativeiro troiano. «A ignorância é como Troia, sem armas para lutar, faz-se rodear de intransponíveis muralhas. A vitória está no que nos ajudar a contorná-las.» Foi então que projectou o magnífico Cavalo de Troia, uma imponente construção de madeira destinada a ludibriar a ignorância do inimigo. «Apresento-vos o Cavalo de Troia, instrumento da vitória. Assim, conquistaremos Troia, tal como, no futuro, conquistarei as mentes de muitos leitores.»

O UNIVERSO FEMININO EM ANTÓNIO AURÉLIO GONÇALVES

MARIA JOÃO GAMA

Exemplar nº:

Título: Universo Feminino em António Aurélio Gonçalves
Autor: Maria João Gama
Revisão: João Batista * Livros de Ontem
Capa|Paginação: Nádia Amante * Livros de Ontem

©2015, Livros de Ontem
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

1 edição: Abril 2015
Tiragem: 150 exemplares
Depósito Legal:
ISBN: 978-989-8762-26-9

Livros de Ontem
Rua João Ortigão Ramos, 34, 6°F
1500 - 364 Lisboa • Portugal

www.livrosdeontem.pt

O UNIVERSO FEMININO EM ANTÓNIO AURÉLIO GONÇALVES

MARIA JOÃO GAMA

LIVROS DE ONTEM

À memória de meu pai

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, a minha eterna égide, pelo amparo e pelo amor incondicional que sempre me dispensou.

A minha enorme gratidão e reconhecimento ao Prof. Dr. Alberto Carvalho que, durante a licenciatura, me deu a conhecer a literatura africana de expressão portuguesa e ateou a chama da paixão por aquele continente. O único responsável pela elaboração deste trabalho, pela motivação, pelo incentivo e pela cooperação irrestrita dispensada.

INTRODUÇÃO

O facto de a nossa escolha ter recaído num autor cabo-verdiano como objecto de estudo da dissertação não foi ingénuo. Familiarizados com o espaço e com a cultura, o início da leitura das novelas de António Aurélio Gonçalves foi como um regresso ao lar. Depois das primeiras linhas voltaram à lembrança a paixão pela terra, pelo meio, pelas gentes. As crianças de olhos grandes, meigos e sorriso bonito, as crioulas de trato afável, a brisa quente e enleante.

Os flagelados do vento leste, como um dia chamou Manuel Lopes aos seus conterrâneos. O homem cabo-verdiano assolado pela seca, pelo isolamento, pela insularidade, pela emigração e pelo mar. O mesmo mar que é, simultaneamente, ponto de chegada e ponto de partida para uma aventura. A "hora di bai" como disse Manuel Ferreira, traduzindo um desejo contraditório: querer partir e ter de ficar, querer ficar e ter de partir. A saudade que faz regressar e rouba a vontade de voltar a partir. Palavras de Jorge Barbosa, Corsino de Azevedo, Osvaldo Alcântara ou Baltasar Lopes, poetas cabo-verdianos que, como tantos outros, impregnaram os seus versos nesta realidade crioula.

António Aurélio da Silva Gonçalves não foi excepção. Cabo-verdiano, nascido na ilha de S.Vicente, traduziu a saudade que sentia em novelas que retratam a realidade do arquipélago.

Sem ter feito parte do grupo fundador da revista *Claridade*, António Aurélio Gonçalves marca a diferença no panorama literário de Cabo-Verde. Inovador e arrojado assenta na estética realista e naturalista oitocentista os alicerces da sua produção escrita, colaborando na fundação da modernidade literária cabo-verdiana. Apegando-se sobretudo ao mundo mindelense, procura temas pessoais e sociais, indicadores da decadência familiar, tão ao gosto naturalista. A análise é minuciosa e objectiva, dando especial destaque aos aspectos reais da vida em sociedade e às personagens, cuja conduta é regida pela hereditariedade e pelo meio ambiente. Nesta condução pelos males sociais, Gonçalves dá primazia às personagens, em especial às personagens femininas, sobre as quais é centrada toda a narrativa.

Após a leitura exaustiva das novelas, começa-se, aos poucos, a vislumbrar o intricado jogo psicológico em que Gonçalves tem mergulhadas as suas "mulheres". Marionetas no palco de muitas vidas, redemoinham no seu interior, entre o consciente e o inconsciente do seu próprio eu, num eterno jogo de emoções, como é do agrado da teoria psicanalítica. Com o seu comportamento e o seu

destino condicionados pelas características económicas, culturais e morais, não conseguem nunca cortar o cordão umbilical que as liga ao espaço social a que pertencem, intrinsecamente ligado à cidade do Mindelo, fazendo-as rodopiar, num bailado ininterrupto, sobre um fio de emoções, sem princípio nem fim.

Partindo do particular para o geral, em cada novela, Gonçalves enceta a sua análise pela envolvência psíquica da personagem feminina, passa depois para os motivos que a levaram ao seu actual estado, seguidamente para os mecanismos que acciona para se libertar da situação em que se encontra e só depois a coloca perante a constatação da inevitabilidade do seu destino, provocada pelo meio de onde é proveniente e que é minuciosamente trabalhado. Posteriormente, alarga o círculo tornando a análise ainda mais geral. Cada novela torna-se assim num pequeno planeta e todos juntos formam o Universo do espaço urbano Mindelense.

Procuraremos sistematizar a nossa análise de um modo temático, primeiro elegendo os temas existentes em cada uma das novelas e depois escolhendo aqueles que são comuns a todas elas. Mediante um estudo comparativo analisaremos as atitudes comportamentais de cada uma das personagens, face aos desafios colocados e perscrutaremos o seu consciente e subconsciente, para perceber quais os mecanismos accionados. Neste processo utilizaremos os

estudos efectuados por Freud, não porque seja o único estudioso da matéria, mas sim porque a publicação dos seus estudos coincide com a formação de Gonçalves.

Desmontar todo este intrincado jogo de relações pessoais e sociais no universo feminino de António Aurélio Gonçalves é o objectivo que pretendemos atingir com o trabalho que se segue.

CAP. I - O CONTEXTO

1. O REALISMO, COMPROMISSO ESTÉTICO

António Aurélio Gonçalves aliou alguns princípios das linhas filosófico-sociais vigentes no século XIX à sua visão literária inovadora, fazendo com que a sua obra constituísse uma "insurreição" literária no panorama cultural cabo-verdiano. Tendo em conta que uma renovação literária tem sempre como base a adopção de uma nova atitude intelectual, podemos afirmar que também Aurélio Gonçalves se posicionou num ângulo de visão diferente dos restantes membros do grupo Claridade, interessando-se pelas diversas componentes da sociedade mindelense do seu tempo.

O quotidiano, os dramas e as ansiedades das gentes daquela cidade dominam toda a sua obra, tendo como pano de fundo as ruas agitadas do Mindelo e a movimentação do seu porto, espaços que domina com uma força motivadora de irresistível apelo ao seu leitor e para onde nos transporta, fazendo viver cada esconderijo. Torna-se assim o contador da realidade social da sua cidade natal.

A esta análise não é indiferente o ambiente social que a partir do século XIX se criou na Europa. Na segunda metade deste século

a Europa assiste ao aparecimento do Realismo, consequência das profundas transformações económicas, políticas e cientificas que se faziam sentir mais ou menos em todos os países. Economicamente vivia-se a segunda fase da Revolução Industrial, possibilitada pelas descobertas científicas e tecnológicas. No campo político os operários encetavam uma tentativa de organização, imbuída do espírito socialista, defendido por Karl Marx e Friedrich Engels[1]. No âmbito do conhecimento e da cultura assiste-se ao advento de várias correntes cientificas e filosóficas, tais como o Positivismo, de August Comte, o Determinismo de Hipolite Taine e a lei da selecção natural de Darwin que expõe os seus estudos sobre a evolução das espécies pelo processo de selecção natural[2], segundo a qual a Natureza ou o meio seleccionam os seres vivos destinados a sobreviver e perpetuar-se, sendo eliminados os mais fracos. Enquanto isto, são ainda lançados os fundamentos de duas novas disciplinas: a Sociologia e a Psicologia. Esta última irá sofrer um enorme desenvolvimento com o incremento de Freud, o criador do método psicoterápico, que veio explicar de que modo a força do inconsciente influenciava o pensamento e o modo de agir do indivíduo.

1 Ideais formados a partir do manifesto comunista, que defendia que o modo de produção da vida material condicionava o processo da vida social, política e intelectual em geral.

2 Charles Darwin, *L'origine des espèces au moyen de la selection naturelle ou la lutte pour l'existence dans la nature*, presentation de Pierre-Paul Grassé, Verviers , ed.Gérard, Marabout Université, 1973

No campo literário, o Realismo procurou combater o modo idealizado como, até então, se via a realidade. Aspirou ser uma literatura de acção, comprometida com a crítica, com a análise da verdade, com o retrato e com o quotidiano da vida real. Desejou ainda uma abordagem mais profunda e completa do ser humano, primando pela introspecção psicológica das personagens. Aliada a esta tomada de consciência social, surgiu também uma outra vertente, o Naturalismo. Considerado como o prolongamento do movimento anterior, a estética naturalista sucedia assim ao Realismo sem nunca ter estabelecido solidamente as suas fronteiras. Deste modo, a transição apresentou-se tão suave e as suas demarcações tão ténues que é difícil, ainda hoje, reconhecer onde um acaba e o outro começa. Admitimos mesmo a hipótese de que talvez o primeiro nunca tenha terminado e o movimento naturalista mais não seja do que a evolução natural do Realismo ou a coexistência pacífica dos dois. A ser pertinente esta nossa conjectura poderíamos então falar de uma segunda fase do movimento realista: o realismo científico ou sociológico, mais apurado e conciso nos seus objectivos, impregnado do espírito crítico que o pensamento científico e as doutrinas filosóficas e sociais do séc. XIX, com especial destaque para os já referidos Positivismo de Comte, o Determinismo de Taine, o socialismo de Marx, a psicanálise de Freud e o Darwinismo de Darwin.

Cúmplice da observação e da análise realista, nesta fase aprofunda-se também o método experimental como condição essencial para a obtenção do apuro da verdade. Uma vez encontrados os males sociais, mediante uma observação atenta, precisam de ser estudados e explicados. A razão de ser da sua existência urgia ser analisada com um rigor técnico e douto, de modo a que a tese científica fosse demonstrada.

Devido à importância dada ao método experimental, ganha maior relevo a forma como a observação é feita, uma vez que esta não poderia ser dissociada de determinados factores considerados imprescindíveis para a descrição do meio social e do próprio sujeito, como é o caso da educação, do meio e da hereditariedade. No estudo que dedica ao Naturalismo, Alexandre Pinheiro Torres considera "... o ser humano como entidade passiva, filho da herança do sangue e do meio, incapaz de escapar à determinação muito rígida destes dois parâmetros. Daí o carácter fatalista do movimento. O homem seria determinado mas paradoxalmente não seria *determinante* (...)"[3]

Em Portugal, a Questão Coimbrã, ocorrida em 1865, é apontada como o marco introdutório desta problemática. Embora conhecida, resumimos alguns dos seus principais aspectos de interesse para o nosso trabalho. Jovens poetas, estudantes de Coimbra,

3 Alexandre Pinheiro Torres in O *Neo-Realismo Literário Português*, Lisboa, Moraes Editores, Col. Temas e Problemas. Itálico do autor.

permanentemente em protesto contra aquilo que achavam ser visões romanceadas e totalmente utópicas da sociedade em que viviam, rebelavam-se contra Castilho depois de terem sido apelidados por este de exibicionistas e obscuros. Antero de Quental responde a Castilho em carta aberta, em forma de panfleto intitulado "Bom Senso e Bom Gosto". Estava instalada a contenda motivada pelo novo contra o velho, pelo progresso contra o conservadorismo, um apelo a uma literatura capaz de incluir os conhecimentos trazidos pelas correntes filosóficas e cientificas da época.

Uma vez concluídos os estudos universitários em Coimbra, este grupo regressa a Lisboa e, já na capital, continuam os debates acerca da renovação cultural portuguesa. Todo este esforço desembocou nas "Conferências Democráticas do Casino"[4]. Ao todo, foram proferidas por estes jovens cinco conferências (das quais duas eram de Antero de Quental e uma de Eça de Queirós) que tinham como objectivo ligar Portugal à Europa moderna pretendendo com isso a reforma política, económica e religiosa da sociedade portuguesa. Tal metamorfose tão almejada, do homem e da sociedade, alcançou um dos seus pontos altos com as palavras de Eça de Queirós, quando da enunciação da conferência que proferiu, a quarta, subordinada ao tema "O Realismo como nova

4 Assim chamadas por terem sido proferidas numa das salas do Casino Lisbonense, alugada para o efeito.

expressão de arte" (ou "A Literatura Nova", como mais tarde ficou conhecida). Nessa sua dissertação, dizia assim a dado passo: "A norma agora são as narrativas a frio, deslizando como as imagens na superfície de um espelho sem intromissões do narrador. O romance tem de nos transmitir a natureza em quadros exatíssimos, flagrantes, reais."[5]

Apontava-se o caminho para a alteração das tradições literárias até então vigentes e a afirmação de uma nova escola que contemplava, acima de tudo, a verdade absoluta. Pela primeira vez, os problemas até então considerados inadequados para serem mencionados numa obra com pretensões literárias, passavam a ocupar lugar de destaque, desempenhando um papel primordial para a sua aceitação artística. O lirismo e as emoções eram relegados e os factos passavam a ser narrados tal qual se apresentavam aos olhos de quem os via. A observação directa da realidade e a sua análise rigorosa tornam-se, a partir desta altura, instrumentos de trabalho imprescindíveis na forma literária realista. A disputa durou ainda algum tempo com os jovens a discursar e o governo a proibir, alegando que os oradores insultavam a religião e as instituições do Estado. Todavia, apesar da censura, o Realismo tinha-se instalado, começando a dar os seus frutos.

5 Eça de Queirós, "A literatura nova – o realismo como nova expressão de arte", cit. de António Salgado Júnior, *História das Conferências do Casino*, Lisboa, 1930

Na década de 30 vivia-se em Portugal sob a influência de *Orfheu* e da *Presença,* revista que esteve longe de passar despercebida nas ilhas isoladas do arquipélago cabo-verdiano. Jorge Barbosa, Manuel Lopes, Baltasar Lopes, João Lopes e Jaime de Figueiredo, os nomes mais latentes da classe intelectual da altura, estavam atentos e reconheceram na revista *Presença* a irreverência e a inovação que respondia a alguns aspectos do que procuravam. A revista *Claridade*, por eles pensada, apenas em termos formais de apresentação e de atitude estética seria igual à *Presença*, quanto ao resto procurava ser uma coisa nova e genuinamente cabo-verdiana. Algo que fosse capaz de se instalar por inteiro na estética realista, atenta aos valores da terra, à semelhança do alento que, desde início da década de 1930, vinha recebendo do Brasil, com as soluções políticas sugeridas pela Semana de Arte Moderna de São Paulo, nomeadamente o realismo regionalista, avançado pela intelectualidade brasileira modernista. A agitação que chegava do Brasil, juntamente com a intenção da *Presença*, começou a desenredar os homens de letras do arquipélago cabo-verdiano de um conservadorismo que lhes paralisava os movimentos e a traçar-lhes o rumo a tomar. Se da *Presença* tinham adquirido as sugestões estéticas, o Brasil fornecia-lhes agora novos campos temáticos. As personagens dos romances

nordestinos brasileiros giravam em torno do binómio homem/seca ou homem/sertão, dos problemas da terra, do êxodo rural, temas familiares para os filhos de Cabo-Verde, também eles habituados a devastadoras estiagens e ao abandono das terras. A "afinidade tropical" [6] que se começava a fazer sentir era o sinal de partida que tantos intelectuais cabo-verdianos esperavam. Assumindo uma total identificação intelectual, mas sobretudo social, cultural e política com o mundo retratado nos romances nordestinos, passam, também eles, a eleger nas suas obras os problemas do seu país. A literatura cabo-verdiana torna-se, a partir deste momento, mais objectiva e mais directamente ligada à vida concreta do arquipélago de onde eram oriundos os seus "progenitores".

A terra, a emigração, a saudade dos que partiam e dos que ficavam, mas em especial a seca e o Porto Grande, se já eram fragmentos que formavam (e continuam a formar) o quotidiano das gentes que vivem em Cabo-Verde, a partir desta altura passam a povoar também a sua literatura. Na realidade e na ficção os pés são assentes na terra que os viu nascer. Pensamos pois não ser veleidade da nossa parte afirmar que foi seguindo estes cânones que surge, em 1936, a revista *Claridade*[7].

6 Alberto Carvalho, Prefácio, in Gabriel Mariano, *Cultura Cabo-verdiana – Ensaios*, Palavra Africana, Lisboa, Vega, 1991, p., 13

7 A revista *Claridade* foi publicada, intermitantemente, entre o ano de 1936 e 1960.

Contudo, não obstante o seu inegável valor, não a devemos encarar como filha única sem antecedentes familiares (literários, bem entendido). E já que falámos em naturalismo, é a sua linguagem que utilizamos quando dizemos que convém não esquecer o meio e a hereditariedade que acarreta, como iremos ver mais à frente. Apesar de ter surgido como uma repercussão de uma série de factores, a ideia já existia na mente dos escritores cabo-verdianos, isto porque enquanto na Europa foi o movimento realista que influenciou a literatura, em Cabo-Verde passou-se o contrário, foi a literatura que gerou o movimento realista. A vida nas ilhas era vivida com intensidade, os dramas faziam-se sentir diariamente e a literatura brotou naturalmente. Não era preciso escrever de acordo com o movimento literário vigente, urgia sim escrever sobre a terra-mãe e por isso abraçou-se o movimento. Considerada como a demarcação entre o passado e o presente na história literária de Cabo-Verde, o aparecimento da revista *Claridade*[8] fez com que fosse possível falar em literatura cabo-verdiana como uma realidade, sem contornos de idealismo.

8 A revista *Claridade* esteve, primeiramente, para ser denominada *Atlanta*, seguindo uma sugestão de Jaime Figueiredo. Contudo, foi *Claridade* que acabou por ficar.